

Felinolinos e o Veterinário

Description



Bello Antônio pelas lentes da cunhada Vani Garcia

Charles Darwin deve ter certamente classificado a espécie como uma praga em função de sua inacreditável velocidade de multiplicação e da razão em que ela se dá. Mas o motivo de eles estarem por tanto tempo por aí sendo paparicados, mimados, afagados com insistência, em lugar de caçados como ratazanas, é que, desde pelo menos o Antigo Egito, o mulhério, e mesmo muitos que fogem a esta classe, se derretem de amores por suas boas e contidas maneiras (quando não são importunados) e por suas feições graciosas. Um ano se passou e chegou a hora de procedermos a uma atualização sobre a vida dos gatolindos de Felinolândia.



Ainda que eles agradem e cativem a todos, especialmente quando pequeninos, foi necessário recorrer a algum artifício para conter a proliferação extratosférica que se insinuava. Fez-se imperioso então convocar a entrada em cena da pessoa do Veterinário. Sempre conto essa história porque ela é para mim o exemplo maior daquilo a que nós nos referimos como vocação.

Parte da família de meu pai tem, digamos, uma certa inclinação campestre, agrária, rural. Foi por isso que, lá pelos idos de 1970, dois de meus tios e meu avô se juntaram a meu pai para comprar uma fazenda. Escolheram uma propriedade na cidade de Silva Jardim, no Estado do Rio de Janeiro, há duas horas e meia aqui do Rio. E assim, toda sexta-feira de noite, um Gordini partia da rua Conde de Bonfim na Tijuca em direção à Praça XV para cruzar a Baía de Guanabara em uma precária balsa que fazia a ligação com Niterói antes da inauguração da ponte que nos levaria com mais rapidez à terra por onde Darwin passeou quando esteve no Brasil. No microscópico carro, para os padrões de hoje, viajavam meus pais, seus 5 filhos e uma ou outra prima. Como? Não faço a menor ideia. Depois de atravessar a Baía ainda era necessário rodar por pista pavimentada até Rio Bonito e, a partir daí, em estrada de terra até a fazenda do Rosário.



Chegava-se lá por volta de 12h30, 1h da manhã. Isso quando o carro não enfrentava muita lama no meio do caminho em dias de chuva, derrapando de um lado para o outro na pista e, vez ou outra, atolando. Logo no começo, ainda não havia luz elétrica na fazenda e tudo era feito ao mesmo tempo intermitente de lâmpadas de querosene. Só no dia seguinte teríamos luz gerada por um motor a diesel que ficava no estábulo, distante da sede. E ainda assim só até a meia-noite, quando ele era desligado. Mas isso pouco importava, porque um dos passatempos na fazenda era acordar às 4h30 da manhã para assistir no curral à ordenha do gado. Meu avô sempre levava uma garrafa térmica com café para misturá-lo com o leite fresco e quente recém-tirado do udo das vacas. O café-da-manhã era tomado de pé no estábulo, entre um mugido e outro.



Gude-Gude com o Macaco ou o Rabamoãsa (faãsam suas apostas)

E ã© aqui que entra a pessoa de um de meus primos, o VeteriMãrio, como ã© tratado por todos. Pois muito bem. A sede ficava em um platã. Lã em baixo tinhamos o imponente estãbulo, com as rezes do gado leiteiro circulando nas proximidades em um dos pastos cortado por um sinuoso cã³rego aguardando para a funã§ã£o da madrugada do dia seguinte. Por vezes, havia uma ou outra vaca, nã£o sei se profana ou nã£o, que, por estar prestes a gerar uma nova cria, era deixada em um cercado do curral. Nestas ocasiães, um dentre todos os primos, em uma passagem digna de filme italiano, trocava sua confortãvel cama por um lugar no estãbulo para, em uma eventualidade, ajudar o pobre animal a trazer ao mundo mais uma criatura.



Hoje o Veterinário, cujo filho Felipe e sua nora Lilian acabam de lhe dar a sua primeira neta, Laura Isabela, cuida do sorriso de cavalos de corrida. O leigo talvez estranhe e diga em sua ignorância ignara que nunca ouvi falar em dentista de cavalo. Pois saibam que eles existem e viajam para tudo quanto é canto para deixar em perfeita ordem os dentes das cavalgadas. Apenas desta maneira os cavalos puros podem exibir com graça seu esplendoroso relincho e se comportarem adequadamente durante suas desabaladas correrias nas disputas nos jockey clubs. Não sou Guimarães Rosa, mas garanto que cavalo sorri e mais do que isso (o que talvez seja motivo de surpresa para muitos): o distinto quadrópode bebe com alegria até a cerveja, caso lhe ofereçam (um dia conto essa outra história).

Mas voltemos aos nossos felinolos do começo. Pois bem, nosso veterinário-por-vocação teve que esquecer um pouco o sorriso de cavalos de corrida e subir a serra para cometer o ato ignobil, mas imperioso, de castrar todos os pobres gatitos. O surpreendente é que, apesar de tudo, a guerra continua com o Temer, o Manda-Chuva, que segue atormentando e tirando a paz de seus semelhantes. De qualquer jeito, a última prole veio em um sortimento variado em sua diversidade. Teve o Michelzinho e a Marcella, filhotes do Temer, a Raposinha, filha do Raposo (outro agregado que aparece de vez em quando), e Tonico Junior e Jojo (em homenagem à Joanna Maranhão, pois apesar de pequenina caiu no poço e sobreviveu), filhotes do Bello Antônio. Da primeira leva, ficaram com a família o Fofis e a Kiki, crias do Bello Antônio.



PiriCat escondida no estofo do sofá; com medo do ataque de uma gambã; ao seu filhote

Category

1. Gatunos
2. Hugo Waldemar

Date Created

2018/01/23

Author

kikopedrosa